

## ENCURTAR A DISTÂNCIA ENTRE JORNALISTAS E CIENTISTAS



António Granado e José Vítor Malheiros, "Como Falar com Jornalistas sem Ficar à Beira de um Ataque de Nervos", Gradiva, 2001

Jim Hartz e Rick Chappell, "Worlds Apart. How the Distance between Science and Journalism Threatens America's Future", First Amendment Center, 1998

Foi há pouco lançado um pequeno livro com um grande título: "Como Falar com Jornalistas sem Ficar à Beira de um Ataque de Nervos". O subtítulo explica ao que vem o livro: "Guia para investigadores e profissionais da comunicação". Trata-se de transmitir a cientistas e assessores de comunicação um conjunto de regras que podem ajudar à comunicação com jornalistas e, conseqüentemente, com o público. Os autores são António Granado e José Vítor Malheiros, dois jornalistas portugueses (do "Público") com créditos firmados nessa recente modalidade de jornalismo que é o jornalismo científico.

Patrocinou a edição, que é da Gradiva, o Ministério da Ciência e Tecnologia, através da Agência Ciência Viva. Essa Agência enviou o livro a muitos cientistas, uma iniciativa que decerto ajudará a aproximar entre nós os mundos da ciência e do jornalismo. Os autores estão de parabéns por este contributo à melhor comunicabilidade entre esses mundos separados.

São, decerto, mundos distintos, o da ciência e o do jornalismo. Mas esses mundos têm vindo a contactar cada vez mais. A ciência e a cultura científica ocupam um lugar cada vez mais proeminente na sociedade, sendo por isso natural que os jornalistas se interessem cada vez mais pela actividade dos cientistas. Eles são os intermediários no

processo de comunicação da ciência com o público, promovendo neste uma cultura científica adequada às necessidades da vida moderna.

A capa do livro mostra dois cordões de ADN que, se entrelaçam. A imagem pode ser interpretada como um símbolo do processo de comunicação, entre ciência e jornalismo. Mas outra capa, inspirada na astronomia, serviu já para tratar do mesmo assunto. No livro "Worlds Apart. How the Distance between Science and Journalism Threatens America's Future", um relatório publicado por uma organização independente norte-americana, a capa mostra uma foto da Lua e da Terra. Esta era uma imagem bastante apreciada por Carl Sagan, um autor-símbolo da Gradiva e um dos grandes responsáveis pela aproximação nos EUA entre ciência e jornalismo. Sagan sabia como poucos comunicar ciência. Recorde-se que ele usou a passagem da sonda Galileo perto da Terra, em viagem para Júpiter, para responder à questão "Há vida inteligente na Terra?". A questão parece estúpida, mas sob ela esconde-se o problema de saber se uma nave não tripulada, passando perto da Terra, pode descortinar sinais de vida inteligente. O artigo que Sagan publicou com aquele título suscitou obviamente as atenções dos media já que um bom título é meio caminho andado para captar as atenções...

A ciência e o jornalismo estão mais ou menos separadas (felizmente cada vez menos, graças a esforços de cientistas e jornalistas). A imagem do livro "Mundos Aparte" bem pode servir de metáfora para o distanciamento entre ciência e jornalismo. Para o vulgo, os cientistas vivem na Lua, enquanto os jornalistas habitam a Terra. O perigo que essa separação representa para a cultura científica e para uma cidadania adequada aos tempos modernos justifica talvez o subtítulo bem enfático do livro americano. O livro português agora publicado constituirá uma espécie de nave espacial enviada da Terra, dos jornalistas, para a Lua, para os cientistas... Cabe aos cientistas acolher essa nave e usar o seu conteúdo para conseguirem chegar cada vez mais e melhor à Terra.

Apesar da separação, cientistas e jornalistas têm bastante em comum: por exemplo, ambos "gostam de comunicar" (ciência que não seja aberta deixa de ser ciência e, por isso, todo o cientista é, de uma forma ou outra, um comunicador) e ambos têm "amor à verdade". E ambos têm a mesma opinião sobre alguns assuntos. O referido relatório norte-americano apresenta os resultados de um inquérito dirigido a jornalistas e a cientistas. Os cientistas, quando lhes foram dadas a escolher várias instituições, declararam o seu maior grau de confiança na própria

comunidade científica e declararam menor confiança na imprensa e na televisão. Curiosamente, embora por números um pouco diferentes, esta é também a posição dos jornalistas. Também os jornalistas confiam acima de tudo na comunidade científica (por alguma razão os jornalistas da "Time" elegeram Einstein como a pessoa do século). Jornalistas e cientistas concordam que a melhor cobertura de ciência e tecnologia é feita pelos jornais nacionais (estarão a pensar no "New York Times"; pensariam no "Público" em Portugal, dado o excelente trabalho desenvolvido na secção da ciência).

Os mal-entendidos entre cientistas e jornalistas são frequentes. Às vezes os cientistas não querem reconhecer que a escolha dos títulos e dos destaques de um artigo é uma prerrogativa dos jornalistas (por vezes dá resultados curiosos, como uma entrevista que um físico deu sobre política científica e que o jornal intitulou logo na primeira página "Cientista também vê telenovelas"). No mesmo inquérito americano, os cientistas declararam, na sua maioria, que os media "não compreendem", "estão mais interessados nas vendas", "focam mais no que é moda", "procuram o sensacional", "querem respostas instantâneas", "ignoram os processos científicos", "não sabem interpretar resultados", "exageram os riscos", "não dispõem de preparação adequada", "raramente acertam nos detalhes", "não compreendem a necessidade de investimento na ciência fundamental" e, finalmente, "focam demasiado as personalidades". Curioso é que os jornalistas, colocados perante as mesmas afirmações, concordavam com a generalidade delas, embora em percentagens não tão elevadas. Só em dois itens há discordância entre jornalistas e cientistas. Os jornalistas acham, por pequena maioria, que têm preparação para cobrir assuntos de ciência e tecnologia e não acham, por grande maioria, que apresentam incorrectamente as suas notícias sobre ciência e tecnologia, por falta de clareza ou de atenção aos pormenores.

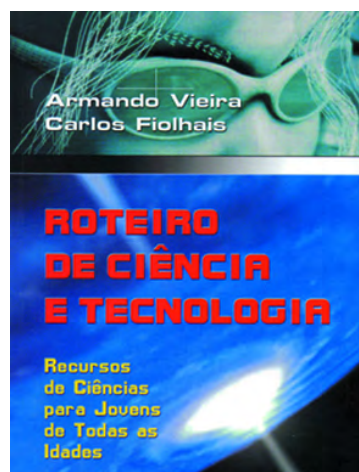
Granado e Malheiros acentuam muito justamente que *"um jornalista de ciência é sempre 'generalista' dentro desta sua especialidade e tem de escrever tanto sobre cosmologia como sobre sismologia e genética"*. Walter Cronkite, que cobriu para a CBS a odisseia espacial Apolo de exploração da Lua, confessou que teve de aprender mecânica orbital e que, no final das suas reportagens, se interrogava sempre sobre o que o seu professor de Física, que quase só lhe tinha ensinado roldanas, pensaria do seu trabalho... (Em Portugal, muitos anos depois da chegada à Lua, continua a insistir-se nas roldanas.)

Como escrevem Granado e Malheiros *"um jornalista é tão bom quanto as suas fontes"*. Os cientistas são em geral demasiado exigentes ao pedir aos outros aquilo que eles próprios não dão. Se eles forem claros, concerteza que a sua mensagem chegará (poucos saberão falar claro a jornalistas ou, em geral, a leigos). Mas há assuntos sobre os quais é difícil ser claro: por exemplo, quando se trata de explicar o "spin" de uma partícula nos escassos minutos de um telefonema inesperado. Numa reunião da Associação Americana para o Avanço da Ciência um jornalista presente sentiu-se injustiçado quando um cientista acusou a classe jornalística de erros frequentes. Respondeu (tradução livre):

*"Que diabo! Nós temos poucas horas para investigar uma história. Procuramos o mais que podemos, perguntamos a quem sabe. Se errarmos dois por cento, concerteza que erramos menos que vós!"*

CARLOS FIOLHAIS  
tcarlos@teor.fis.uc.pt

## ROTEIRO DE CIÊNCIA



Armando Vieira e Carlos Fiolhais, "Roteiro de Ciência e Tecnologia", Ulmeiro, 2000

Onde procurar informação sobre os laboratórios e institutos de investigação em Portugal? Quais são os jornais e revistas que têm informação regular sobre ciência? Como escolher uma carreira científica? Como saber mais sobre Astronomia, Ciências da Terra, Engenharias ou Medicina? Se é certo que a resposta a qualquer destas perguntas tem fortes probabilidades de nunca estar completa, não é menos

verdade que responder-lhes é mais fácil a partir de agora: basta ter à mão o “Roteiro de Ciência e Tecnologia”, uma obra de divulgação que inclui informação sistematizada sobre “recursos de ciências para jovens de todas as idades”.

Poder-se-ia dizer, um pouco à semelhança das histórias de Tintin, que também o conteúdo deste precioso livro — disponível igualmente, em edição actualizada em <http://cfc.fis.uc.pt/roteiro> — foi realizado para "jovens dos 7 aos 77 anos", permitindo dar resposta a vários níveis de interesse, preocupação e questionamento.

Num país em que a cultura científica ainda está na infância e que, simultaneamente, tem que se haver já com as consequências e efeitos da globalização da informação, o aparecimento de uma obra como esta arrisca-se a ser um evento. E isso pela simples circunstância de ser pioneira no levantamento e sistematização de recursos relacionados com a ciência que se pretende fazer chegar às audiências mais vastas. Os autores insistem, porém, num público-alvo particular, os jovens, certamente cientes de que a transformação do actual panorama só pode ser feita mediante o recurso a essa "matéria-prima" ainda não "contaminada" pela estreiteza mental que, nalguns domínios, continua a impor a sua lei.

Quer sejam meros "curiosos" em saber mais sobre uma dada área técnico-científica ou jovens interessados em seguir uma carreira científica, os leitores terão nesta obra um vasto leque de informações que ajudarão a aprofundar e a balizar a aventura pessoal do conhecimento.

Apresenta-se uma listagem, que os autores realçam não ser exaustiva, de recursos de ciência e tecnologia, com indicações precisas sobre escolas e centros de investigação, bibliotecas e museus, livros e vídeos, "software" e iniciativas de ciência e tecnologia. Tudo isso está no corpo principal da obra que, no entanto não se esgota nesta sistematização de informações. Num primeiro apêndice, útil para quem acaba os estudos do secundário, apresentam-se as profissões e as características do mercado científico. O segundo apêndice é um repositório dos contactos das unidades de investigação científica nacional. O terceiro fornece uma selecção comentada de livros de divulgação científica para adultos e crianças.

Tudo somado, os leitores têm à sua disposição uma obra de consulta que ajuda, como era desejo dos autores, "a conhecer melhor as várias ciências e as tecnologias que se cultivam em Portugal".

CARLOS PESSOA  
gazeta@teor.fis.uc.pt

## UM MOCHO SÁBIO



Um novo portal de ciência e cultura científica, intitulado "Mocho", encontra-se em <http://www.mocho.pt>. Nele se encontra um vasto repositório de informação sobre ciências, de utilidade não apenas para alunos e professores de ciências mas para o público em geral.

O portal, com um formato dinâmico, tem um motor de procura, que facilita as buscas. São destacadas algumas páginas *on line* produzidas em Portugal nos últimos anos para apoio ao ensino e aprendizagem das ciências, nomeadamente nas disciplinas de Física, Química e Matemática. Nestes canais específicos encontram-se a "Tabela Periódica" e o "Molecularium" (no domínio da Química), "Astrosoft" (no domínio da Física/Astronomia), e "Nonius" e "Magia dos Números" (no domínio da Matemática).



"O Mocho" conta com o apoio do Ministério da Ciência e Tecnologia e do Ministério da Educação.